

**Exame Final Nacional de Literatura Portuguesa**  
**Prova 734 | 1.ª Fase | Ensino Secundário | 2018**

11.º Ano de Escolaridade

Decreto-Lei n.º 139/2012, de 5 de julho

Duração da Prova: 120 minutos. | Tolerância: 30 minutos.

7 Páginas

---

---

Utilize apenas caneta ou esferográfica de tinta azul ou preta.

Não é permitida a consulta de dicionário.

Não é permitido o uso de corretor. Risque aquilo que pretende que não seja classificado.

Para cada resposta, identifique o grupo e o item.

Apresente as suas respostas de forma legível.

Ao responder, diferencie corretamente as maiúsculas das minúsculas.

Apresente apenas uma resposta para cada item.

As citações dos itens encontram-se no final do enunciado da prova.

---

---

Apresente as suas respostas de forma bem estruturada.

---

Nos termos da lei em vigor, as provas de avaliação externa são obras protegidas pelo Código do Direito de Autor e dos Direitos Conexos. A sua divulgação não suprime os direitos previstos na lei. Assim, é proibida a utilização destas provas, além do determinado na lei ou do permitido pelo IAVE, I.P., sendo expressamente vedada a sua exploração comercial.

## GRUPO I

Leia o poema. Se necessário, consulte as notas.

### Estes sítios!

Olha bem estes sítios queridos,  
Vê-os bem neste olhar derradeiro...  
Ai! o negro dos montes erguidos,  
Ai! o verde do triste pinheiro!  
5 Que saudades que deles teremos...  
Que saudade! ai, amor, que saudade!  
Pois não sentes, neste ar que bebemos,  
No acre cheiro da agreste ramagem,  
Estar-se alma a tragar liberdade  
10 E a crescer de inocência e vigor!  
Oh! aqui, aqui só se engrinalda  
Da pureza da rosa selvagem,  
E contente aqui só vive Amor.  
O ar queimado das salas lhe escalda  
15 De suas asas o níveo candor,  
E na frente arrugada lhe cresta  
A inocência infantil do pudor.  
E oh! deixar tais delícias como esta!  
E trocar este céu de ventura  
20 Pelo inferno da escrava cidade!  
Vender alma e razão à impostura,  
Ir saudar a mentira em sua corte,  
Ajoelhar em seu trono à vaidade,  
Ter de rir nas angústias da morte,  
25 Chamar vida ao terror da verdade...  
Ai! não, não... nossa vida acabou,  
Nossa vida aqui toda ficou.  
Diz-lhe adeus neste olhar derradeiro,  
Dize à sombra dos montes erguidos,  
30 Dize-o ao verde do triste pinheiro,  
Dize-o a todos os sítios queridos  
Desta rude, feroz soledade,  
Paraíso onde livres vivemos,  
Oh! saudades que dele teremos,  
35 Que saudade! ai, amor, que saudade!

*Flores sem Fruto e Folhas Caídas de Almeida Garrett*, edição de Paula Morão,  
3.ª ed., Lisboa, Editorial Comunicação, 1984, pp. 112-113.

### NOTAS

*acre* (verso 8) – que produz uma forte impressão olfativa; que tem sabor ácido, amargo.

*Amor* (verso 13) – divindade representada sob a forma de uma criança, geralmente alada.

*candor* (verso 15) – brancura extrema; qualidade do que é puro, inocente.

*cresta* (verso 16) – queima superficialmente.

*níveo* (verso 15) – que é relativo à neve ou próprio dela; que é da cor da neve.

1. Explique a importância de olhar «estes sítios queridos», tendo em conta os versos 1 a 6.
2. O sujeito poético exprime uma visão subjetiva do espaço campestre.  
Explícite dois aspetos significativos que comprovem esta afirmação.
3. Caracterize a «cidade» (verso 20) representada no poema, fundamentando a resposta com citações relevantes.
4. Analise dois efeitos expressivos do adjetivo «triste», que, nos versos 4 e 30, qualifica o «pinheiro».
5. Apresente, por palavras suas, as ideias expostas por Almeida Garrett no excerto seguinte da «Advertência» a *Folhas Caídas*.

«As presentes *Folhas Caídas* representam o estado de alma do poeta nas variadas, incertas e vacilantes oscilações do espírito, que, tendendo ao seu fim único, a posse do Ideal, ora pensa tê-lo alcançado, ora estar a ponto de chegar a ele – ora ri amargamente porque reconhece o seu engano – ora se desespera de raiva impotente por sua credulidade vã.»

*Flores sem Fruto e Folhas Caídas de Almeida Garrett*, edição de Paula Morão, 3.<sup>a</sup> ed., Lisboa, Editorial Comunicação, 1984, p. 81.

## GRUPO II

Leia o texto. Se necessário, consulte as notas.

José Augusto mandou-lhe uma carta, por mão, e preparou tudo para a raptar. Fretou um daqueles barcos para navegação no rio Douro e que eram munidos duma cabine ampla para passageiros, espécie de bergantim, com vela carangueja. Mandou que preparassem nele duas alcovas decoradas com certo fausto, incluindo um pequeno toucador com perfumes, e três vestidos de passeio, um de *barège* da Escócia, outro de popelina, outro de pano de Nanquim. Tudo isso com chapéus e luvas a condizer. O barco devia esperar num ancoradouro de Oliveira do Douro, e com ele dois homens para o governar. À saída do primeiro pinhal, no Paraíso, estaria Vicente no seu pequeno alter. Não havia a mais ligeira falha, embora tudo fosse projetado com rapidez. Desde que José Augusto viera para o Porto, depois de ter recebido a carta de Fanny, tinham decorrido cinco dias. Às onze horas da noite de 17 de julho desse ano de 1853, ele estava encostado ao muro do quintal do Paraíso e sentia as mãos geladas debaixo das luvas.

Ela chegou pontualmente. Subiu ao muro por meio duma escada de jardim; a saia de tafetá, com um folho largo, embaraçava-a, e ela apanhava a roda na mão que segurava ao mesmo tempo uma carteirinha. Eram as cartas de José Augusto. Ele recebeu-a nos braços, sentou-a no selim de senhora e deu-lhe as rédeas, que ela não chegou a segurar. A égua, assustada com o barulho da seda, deu um salto para a frente e começou a correr. Fanny caiu adiante, sem um grito; a sombra do pinhal apagava-lhe o vulto no chão, e José Augusto não a pôde encontrar logo. Quando a viu, já Fanny estava de pé, e esperava, sem susto, o vestido um pouco desmanchado e o mantelete de renda preta a desenhar-lhe o busto como se o luar pusesse nele os recortes dos ramos da bouça.

– Não te magoaste? – disse-lhe, muito alto, sem cuidar no parado do ar de verão, que ampliava a voz e a levava longe. Ela disse apenas:

– Não... não... Estou bem.

A égua tinha fugido, em volta era tudo escuro, com um ligeiro brilho de areias, de pedras com cristais entre a caruma preta. Começaram a marcha, ele a pé, Fanny no cavalo de José Augusto, que soprava quando os galhos novos lhe cortavam o caminho. Estavam perdidos, mas não pararam, e durante uma hora avançaram pelo pinhal dentro, procurando orientar-se. Mas não havia ruídos, nem luz, nem vento. E não se ouvia o mar.

– Onde estamos? – disse ela.

– Não sei, não sei...

Fanny deixou-se escorregar da sela. Tinha os cabelos soltos, ele pensou em compor-lhe as madeixas, mas não lhe tocou. – Deixa-me descansar aqui... – José Augusto estendeu uma manta no chão, mas ela encostou-se, muito direita, e assim ficou, quase sem respirar, o embrulho das cartas apertado na mão, sem tristeza e sem impaciência, sem gosto pela sua aventura também. – É melhor continuar – disse, passado um bocado.

– Continuar! Não sei orientar-me, não sei para que lado fica o rio, nem a estrada, nem nada. – Como ela se calasse, perguntou-lhe: – Estás arrependida, Fanny?

– Não, não estou. Quando clarear vamos para diante. Não tarda a ser manhã.

Ouviram bater duas horas num sino, e o som não vinha de muito longe. Era uma das muitas

igrejinhas espalhadas em volta; se José Augusto conhecesse bem aqueles lugares, saberia quais os campanários que tinham relógio; eram muito poucos, e alguns estavam varados por balas e incendiados, com uma barba de fumo na cal branca. Os campos rasos não deixavam perceber acidentes de terreno que marcassem um local. Esperaram, porque as horas eram  
45 lentas, depois andavam um pouco mais, rompendo pelos trilhos perfumados de pinheiros novos.

Agustina Bessa-Luis, *Fanny Owen*, 5.ª ed., Lisboa, Relógio D'Água, 2017, pp. 127-129.

## NOTAS

*alter* (linha 8) – cavalo da coudelaria de Alter do Chão, no Alentejo.

*bouça* (linha 21) – terreno em que se cria mato para cortar.

*Nanquim* (linha 6) – cidade da China.

1. Caracterize o ambiente criado por José Augusto na cabine de passageiros.
2. Refira três traços do retrato psicológico de Fanny que ilustrem o seu modo de reagir às dificuldades com que se depara ao longo do percurso da fuga. Fundamente a resposta.
3. Interprete a utilização, pelo narrador, da palavra «aventura» (linha 36).
4. Explícite o contraste que se estabelece entre os preparativos para o rapto e o desenrolar da ação.

### GRUPO III

Com base na sua leitura de uma das peças de teatro a seguir apresentadas, desenvolva a proposta de análise indicada para essa obra.

– Gil Vicente

- *Lusitânia* – o espaço da representação e o *teatro dentro do teatro*;
- *Inês Pereira* – o espaço doméstico como símbolo de cativo;
- *D. Duardos* – o valor simbólico dos espaços da horta e da corte.

– António José da Silva

- *Guerras do Alecrim e Manjerona* – as funções do espaço exterior e do espaço interior no jogo do ser e do parecer.

Redija um texto de cento e cinquenta a duzentas e oitenta palavras.

Comece por indicar, na folha de respostas, o título e o nome do autor da peça por si selecionada.

#### Observações:

1. Para efeitos de contagem, considera-se **uma palavra** qualquer sequência delimitada por espaços em branco, mesmo quando esta integre elementos ligados por hífen (ex.: /dir-se-ia/). Qualquer número conta como uma única palavra, independentemente do número de algarismos que o constituam (ex.: /2018/).
2. Um desvio dos limites de extensão indicados implica uma desvalorização parcial (até cinco pontos) do texto produzido.

**FIM**

## COTAÇÕES

Grupo	Item					Cotação (em pontos)
	Cotação (em pontos)					
I	1.	2.	3.	4.	5.	
	15	20	20	15	20	90
II	1.	2.	3.	4.		
	15	20	15	20		70
III	Item único					40
TOTAL						200

# **Prova 734**

1.<sup>a</sup> Fase